Argonáutica

A Viagem Interminável

Gledson Sousa

Canto I

Chegamos à Córax juntos com o sol
Dedos da aurora amanhecendo o dia
Desembarcamos na praia deserta
Onde chamas consumiam hecatombes de touros
Queimados em honra a Poseidon
Depois de tantos ventos, tantas dores
Saudamos a praia como novo lar
Cansados de tanto navegar
Imolamos negro touro
A Poseidon
Para que nos desse sem demora
O júbilo do retorno
Na praia frente às hecatombes
Estátua de madeira do deus olhava ao longe
Segurando o tridente, cingido por longa túnica
Mais de vinte pés de altura
Tornavam-na assombrosa
Enquanto rezávamos comovidos
Foi Jasão quem percebeu
Como num sonho no meio da manhã
A boca da estátua começou a mover-se
A voz do deus vinha do mar
Som de águas furiosas
Que chegava até nossos ouvidos
Parecia que o grande oceano
Se ergueria qual Polifemo
Para nos engolir
No meio da areia rubra fonte
De água aparece e apaga
A hecatombe por nós oferecida
Enquanto as águas falavam enfurecidas:
“Viajantes vis que com a morte
Coroastes a busca

Que honrosa seria se o crime
Não a tivesse maculado
Tolos que acham
Que um touro queimado purgará a culpa
Por acaso os deuses são cegos ao erro
Por quem me tomam, ó infames
Sujando as areias de Córax com negro sangue
Segue minha sina
Daqui em diante vossa senda
Vagarão sem descanso pelo mar
Até repararem o crime cometido
Nenhuma onda lhes sufocará
Para que possam assim vagar
Até a eternidade
Até que um gesto de flor
De qualquer um de vós
Alivie vossa sina
O sinal do alívio será
Chuva de flores no meio do mar
Enquanto não que a terra os ameace
É o que digo”
Tombamos de joelho pedindo clemência
A Poseidon
A única resposta
O sangue da terra envolve nossas pernas
A carcaça do touro muge em ameaça
Muitos de nós arrancávamos os cabelos
Amaldiçoavam o nome Medéia
Tomados de mania sucumbiam
Aqueles que a dor embrutecera
Atento ao jogo da loucura Jasão
Ordena sem demora
Que retornemos ao Argos
Arrastando os companheiros
Que se diziam agora amigos das cracas

Criaturas de curto destino
Que se somavam às baratas
Deixamos o deus em meio à praia
Tristes retornamos ao navio
Cabeça de maça, ossos espalhados
Apsirtides grito desfeito
Rota de sangue pelo mar
Qual Ísis enlouquecida
Eetes revirava as águas
Colheitas de lágrimas e infante
No Argos muitos de nós
Apegavam-se à trama da loucura
Ao verem de Medéia o crime
Irmão despedaçado, paixão, onda de fogo
Tomava-lhe os membros
Silencioso Jasão
Contemplava o velocino
De ouro respingado
De sangue do menino
Madeira do navio
Emitia lúgubres cantos
Pinheiros de Dodona carpideiras
Caro o preço do poder
Ouro do velocino era
Banhado em sangue
Fineo vaticinava longa via
De dores e acidentes
Tomados de furor alguns
Queriam devorar pedaços do infante
Quando Medéia, tal se saído de um transe
Defende os restos espalhados
Leoa que defende a cria morta
Chora a loucura cometida e o que resta
Despeja no mar
Maior assim não fosse

A profanação
Entre o silêncio e o gesto ficamos nós
Amargo vazio no peito
Nem éramos tão
Diferentes das harpias que encontráramos
De qualquer monstro, disforme gigante
Da Cólquida passamos ao Hades
Tambores rugiam, alguém tocou o aulos
O Argos se perdia na distância
A caminho do nada
Vagamos fogos-fátuos
Sobre o pântano de nossas misérias
O mar nos embalava com intenções sinistras
A terra nos vomitava de sua presença
De Córax vagamos pela costa da Ligúria
Até a sede nos impelir à terra
Nossas bilhas de água cheias de vermes
Remamos num pequeno escaler
Num grupo liderado por Fineo
Para encher as bilhas de doce água
Íamos Orfeu, Atalanta, Autólico
Evêmio, Meleagro e Cefeo
Além do próprio Fineo que nos comandava
Jasão ficou no Argos
A controlar a loucura
Aportamos em ilha desconhecida
Cercada de altos montes
Além da costa da praia
Vagavam por lá
Bela raça de cavalos de dez pés de altura
Evêmio, apreciador de cavalos
Se pôs agitado
Querendo a um domesticar
Ao que Fineo alertou
Antes de tudo urge a água

Dos montes deve partir alguma fonte
Riacho, neve que escorre
Talvez contemos com a fortuna
Errática, flecha de bêbado
Para nos ajudar
Já que os deuses nos vituperam
Todos fomos atrás da água
Os cavalos nos olhavam indiferentes
Com estranhos olhos vermelhos
Passamos alertas vasculhando a terra
Nenhum sinal humano encontramos
Nem cabana nem fazenda
Nada ninguém
Que pudéssemos ter algum comércio
De boa extensão, a ilha tinha
Pássaros em abundância
Que depois da água pensávamos
Numa colheita de asas
Encontramos doce fonte
Que a terra não nos recusara
Enchemos as bilhas, matamos a sede
Retornamos à praia
Na multidão equina negro corcel
De longe se destaca
Era de se admirar a seda do pelo
A crina abundante, escovada
Por mãos desconhecidas
Deixando a bilha sobre a areia
Evêmio lentamente se aproxima
Do majestoso animal
Que não se afasta
Se mostra dócil, nisso imitado
Por aqueles que lhe rodeavam
Deslumbrado Evêmio afaga negro pelo
Fineo nos põe em alerta

Pois sentia mal presságio
Quando menos se espera
Uma fêmea com um potro
Lentamente se aproxima
Com a cabeça abaixada
Amistoso sinal
Evêmio olha comovido
O branco potro enternecido
Antes que sua mão lhe alcançasse
O negro corcel, numa única mordida
Arranca-lhe o braço e o devora
E os outros cavalos sem demora
Contranatura equina se excitam
Ao cheiro do sangue derramado
Aflitos não sabíamos o que fazer
Ao que Atalanta, ágil na resposta
Com fera flecha acerta
Negra escuridão da morte
Os cavalos todos se agitam
Corremos às bilhas e ao barco
Evêmio agora era negro pasto
Daqueles cavalos selvagens
A uma bilha abandonar tivemos
Pois cada um carregava uma
Irados os cavalos a quebraram
Ao invés de água, tinha sangue
Chegando ao Argos tememos pelas outras
Abrimos uma a uma
Em cada jorrava o vermelho
Somente uma restou
Doce água que poupamos
Os deuses nos puniam com a sede
Entre lágrimas contamos
O destino funesto de Evêmio
Atalanta nomeou-a

Ilha dos cavalos selvagens

Assinalamos num mapa aquele lugar

Para nunca mais esquecermos

Canto II

Vapores da noite sob a lua cheia
O mar nos embalava para a morte
Jasão se aquecia contra o frio
Envolto no dourado velocino
Medéia chorava pelos cantos
Lamentando funesto destino
Paixão que lhe cegara os olhos
Alguns lhe xingavam
Chamando-a de bruxa louca
Outros no silêncio reprovavam
A dourada indiferença de Jasão
Cujos ouvidos desdenhavam
Lamentos de Medéia
E a raiva da tripulação
Luz da lua iluminava oblíqua
O rosto sofrido de Medéia
Que falava aos céus como se para si
“Lembro-me dos dias primeiros
Quando nascestes
Rosada flor de carne
Que te embalei em meus braços
Sob os auspícios de nossa mãe
Cheiravas a leite, nosso pai
Já previa para ti longo futuro
Quando me esqueci de nosso sangue
Das gavinhas secretas que enlaçadas
Uniam-me a ti ?
Fogo subindo do Hades, a paixão
Turvou-me os sentidos por Jasão
Nada mais senão a ele
E sua busca pelo secreto velocino
Respirava teu nome, tua pele dourada

Teus sonhos de grandeza, tua fala
Sutil floco de neve que o calor dissipa
Alguma vez me vistes como eu era
Que te amava como a um deus
Além das eras, além de si mesma
Não, fui somente instrumento
Até o dourado velo
E no crepúsculo emulei o céu
Espalhando sangue pelas águas
Não ouvi os gritos de Apsirtes
Nem a voz que dentro de mim se revoltava
Tomadas por Erínias do negro Tártaro
Noite sobreveio em minha alma
Em hecatombe ao mais sombrio
Apsirtes foi imolado
Eu não era, estava no meio do mar
Da loucura que a paixão provoca
O sangue evocava
Teu corpo em ânsia dentro de mim
Ó Jasão, por que não segurastes minha mão
E deixastes que a infâmia
Se abatesse sobre o Argos
Só despertei do gesto infame
Quando quais feras
Teus homens devorar quiseram
O pobre infante
E defendi as flores de Apsirtes
Jogando-as no mar
Antes que outro crime fosse cometido
Hoje seja noite, dia
Fogo me atravessa as entranhas
Qual túnica envenenada
Colada à pele do dia
Meu coração é espada que me rasga
Me divide em duas

Que não se entendem
Ó Jasão, por que não segurastes minha mão
Tu comandava a nau, os homens
Tua voz insinuou a morte
Dizendo que precisava de algo que retardasse Eetes
Não sei mais, a nada via
Ouvia, seria tua mulher
Isso bastava
Agora a dor esvai minha alma
Em negros abismos”
O mar o balanço cadenciava
Cada frase de Medéia
Os homens se calaram no fundo de si mesmos
Calado permaneceu Jasão
Acariciando o velo
Feito falcão que se abate sobre a pomba
Medéia toma curta adaga
De Jasão, sobre o peito dela crava
Até a vida sair aos borbotões
Se lança sobre as ondas
Que furiosas a escondem
Voltando da terra distante de si mesmo
Jasão avança, quer se lançar ao mar
Ao que Orfeu impede
“Não adianta mais, ó Jasão
Dela se cumpriu o destino
Que a paixão havia assinalado
E a ti, o que cabia
Como homem, chefe, comandante
Amante, salteador
Terão razão as palavras de Medéia”
“Por ora nada direis do que me falas
Que a dor me trava a língua, prende a fala
Só não esqueças que no Argos
Sou o que comanda”

E ordenou libações aos mortos
Medéia e Apsirtes
Alguns entoavam cantos trácios
Outros pediam bênçãos da lua
Tomados por dura mania
A noite se encerrou
Nem podíamos pisar a terra
Doce consolo para seus filhos
Que caminhamos sobre ela
Depois que saímos do berço à sepultura
Doce terra que nos dá
Águas e frutos, casa
Amarga terra que nos rejeitava
Mais uma aurora, pensávamos
Quando a dor iria nos abandonar

Canto III

Acordamos um dia, outro era o mundo
Aportamos em Delfos e o santuário
Havia fechado
Pelas mãos dos servidores de outro deus
Há tanto tempo viajávamos
Não envelhecíamos
Enquanto a ira de Poseidon
Reinasse pelas eras
O tempo fora detido
Para que assim purgássemos o crime
Pelas mãos de Medéia cometido
Havia tanto tempo
Éramos lenda, apagada história
Do passado
Fantasmas que pelo grande oceano
Vagavam
Sabíamos mais dos peixes
Que das criaturas da terra
Nossos corações eram sombrias fortalezas
Cheias de segredo, rancor contra o destino
Medéia, uma lembrança
Traço na memória
De incerta existência
Quem éramos nós
Navegantes sem paz
A que gesto de flor poderíamos
Se vagávamos sem chance de parar
Em Delfos nos olharam com temor
Pesadelo do mar, éramos sombra
De outras eras
Depositamos na praia
Oferendas a Apolo
Sob o pesado silêncio

De homens estranhos que recusavam o deus
Algumas mulheres sorriam
Tímidas corças que olhavam apressadas
Entre a folhagem
Cantamos peãs, dançamos
Não houve sangue brotando da terra
Nem raio, monstro temporão
A nos devorar
Pensamos que o tempo da paz era devido
Que o tempo soterrara a dor
No ouvido dos deuses
Ríamos, chorávamos
Nossos rostos crestados pelo sol e sal
Nossas pernas tão acostumadas
Aos tombos do mar, estranhavam
A imobilidade, terra firme
Tempo bom, esperança alada sobre nós
Pensamos em dormir na praia
Mandamos Cefeo mais dois companheiros
Avisarem a Jasão
Que no Argos ficara de prontidão
Acostumado à dura sina
A multidão se dispersou
Ficamos sós, uma ou outra criança
Ficou por ali a nos acompanhar
Mulheres de doces tranças nos olhavam distantes
Algumas nos ofereciam roupas, frutas
Tenros carneiros
Mas comerciar não podíamos
Nada nos restara para tanto
Eis que do Argos vem pequeno barco
E na praia pisa
O próprio Jasão
A um deus semelha, a força é evidente
No olhar um fogo que atravessa estações

Nos gestos a nobreza
De um tempo que desapareceu
Olhamos para ele admirados
Como se a terra tivesse aberto nossos olhos
Éramos isso, mistura de pesadelo e glória
Éramos sombras, talvez deuses
Velhos marinheiros de solenes gestos
Com uma dor de gerações
A notícia pela praia se espalhou
Que um rei aportara, um homem
De divino aspecto
E ganhamos cordeiros e galinhas
Tecidos, água
Jasão olhava admirado
Dizia
Companheiros, será que Apolo
Nos trouxe o perdão e nossa sina
Mudou de cor, será que nossos pés
Terão descanso, poderemos então morrer
Como a todos os homens
Assamos carnes, nos abraçamos
No Argos ficaram aqueles
Que a loucura há tempos se apossara
A noite descia suava, tranquila
Nos apaziguava
Deitamos para dormir
Deixando alerta a guarda costumeira
Despertamos sobre a praia
Ossos, restos de comida
Pedaços de trirremes naufragadas
Vasos partidos de cerâmica, nada
Que o dia anterior trouxera
Esperança cega velava nossos sonhos
Zombava do nosso desejo de voltar
Nem à praia viera Jasão

Preso ao Argos, cativo da dor
De Medéia
Algum deus rira de nós
Na terra de Apolo Dionísio
Nos pregara peças
Fazendo com que todos nós
Tivéssemos o mesmo sonho
Ilusão saciara nossa fome, nossa sede
Agora urgia
Encontrar água, desfazer o encanto
Enquanto Jasão no Argos lutava
Contra a morte da razão
Delfos respirava o ar de outra era
A Pítia não estava mais no templo
Que se desfazia em ruínas
Nos entreolhamos, andrajos e tristeza
Éramos pedras, lascas de um passado
Que se recusava a morrer
Mesmo quando se esvaíamos em ruínas
Personas num teatro escuro
Cantando a deuses moribundos
Prodígio seria encontrar água
Naquela terra abandonada
Éramos bronze
De terras distantes
Forjados na dor de muitas travessias
Há muito tempo não havia mais
Trono para Jasão ocupar
Nossas vidas contavam por muitas
Outras vidas
Se os amados pelos deuses morriam cedo
Aqueles pelos deuses odiados
Possuíam a triste sina de não morrer
Ou morrer tão lentamente
Se desfazer no tempo das montanhas

No tempo dos rios
Que agora procurávamos qualquer água
Casta fonte encontramos
Contra a ira de Gaia bela ninfa
A guardar as águas
Viajantes fatigados pelo sol
Com o semblante de muitas fadigas
“Sou a última ninfa
A habitar Delfos
Paneros é meu nome
Depois que a cruz chegou
E os homens ficaram cegos à beleza
Apolo retornou à Hiperbórea
Seguido de grande cortejo
Muitos dos que ficaram aos poucos foram embora
Bosques foram destruídos
Só eu fiquei cuidando dessa fonte
Que ainda passa sob o templo
Breve irei ocultá-la, são águas sagradas
Sei quem sois, ira de Poseidon já se aplaca
Mas o destino ainda não foi mudado
Mesmo que menor seja vossa carga
Bebei até fartar-vos dessa água
Ela vos trará forças”
Nunca víramos Afrodite
A beleza de Paneros
Só à deusa comparar podíamos
Se isso não fosse despertar
Divino ciúme
Em delicados cachos negros descia o cabelo
Sobre a pela clara
A túnica nem escondia graciosa curva
Dos seios e das ancas
Pequenos pés pareciam
Flores que brotavam entre as rochas

Sua voz se confundia com a da fonte
Murmúrio, arrulho d’água
Em peitos de seda
Felizes recolhemos água tão docemente ofertada
Que nos revigorou
Um sol distante nos avisava
Que perecer iriam nossas penas
Retornamos ao Argos
Esperar não podíamos a cena que encontramos
No mastro do navio
Jasão crucificado.
Tártaro marinho Argos se tornara
Espada em punho, Fineo protegia
Jasão crucificado
Da loucura que tomara conta de tantos outros
Nos juntamos a Fineo a repelir
A turbamulta
Procuravam Apsirtes
Com a dor de Jasão queriam
Aplacar divina fúria
Esquecendo a amizade, a lealdade
Que com laços fortes nos prendia
Orfeu que conosco retornara
Cheio de espírito levou
Água da sagrada fonte
Até a boca de Jasão
Que sob o efeito da divina água
Recobrou o ânimo em meio a dor
Tomado pelo ímpeto Orfeu
Asperge a multidão enlouquecida
Aos poucos voltam a si, contemplam
Os horrores por si mesmos perpetrados

Tomados de vergonha do gesto cometido
Batem no peito, correm a libertar Jasão

Que crucificado fora com cunhas
Harmonia da morte se aproximando
Do caos, Éris sorrateira
Esgueirava-se entre as velas
Deitamos Jasão sobre o velo
Ele tomou água em grandes goles
No meio do círculo ficou
Com voz de quem atravessou o mar
Muitas vezes
Falou a todos nós
“Companheiros de longa jornada
É aos deuses quem devo
Imputar o crime de vossa loucura
Como irmãos atravessamos longa estrada
De água a que nos condenamos
Não sabíamos onde o destino
Poderia nos levar
Nem como a morte turvaria
O caminho
Velocino foi meu destino
Buscá-lo era cumprir
Com o grandioso que a todos nos espera
Encontrar antes da tumba
Selo que marcasse nossa vida
Com a brevidade da glória
O poder cegou-me, o amor
A paixão enredou-me
Em seus laços de seda
Não queria a morte de Apsirtes
Mas fiquei
Qual mármore que contempla
Distante pesadelo
Sem mover-me, enxergando o crime
Como um sonho
Os deuses a todos devem

Ter nos fechado os olhos
Afora a loucura, nenhum de vós
Renunciou à travessia, à dor
Dos mares da Trácia
Ao ocidente do ocidente pude
Contar com vossa lealdade
Honra tão forte que o mar transige
Em nos engolir
Esse velo
Que nos honra e nos suja
É de todos nós
Sinto que a morte aos poucos se aproxima
Tanto esperei e é por vossas mãos
Que receberei
O néctar de partir
O que dizer de nomes como Fineo
Que sabendo do futuro
Não me abandonou um só momento
Orfeu que sempre soube
Abrandar as feras e os homens
Atalanta que com suas flechas
A tantos salvou nas duras horas
Hércules, coragem, Teseu, honra
São tantos, a todos devo
O sinete da lealdade, a honra
De uma companhia
Que os deuses invejavam
Mais que à dor, essa honra
Essa amizade
Nos resgata do opróbrio”
E dizendo assim fechou os olhos
Jasão nossa força
Ficamos tais filhotes, crias perdidas
Desveladas
Choramos como se nosso pai

Houvesse morrido
A dor singrava em nossos olhos
Lembranças se embaralhavam
Do começo da jornada a ânsia
A expectativa do mistério
Da glória a ser resolvida
Depois a tormenta da morte
Da ambição em garras desmedidas
Teia que nos envolvera em laços finos
Após o crime de Medéia
Nosso vagar pelo mar, pelo tempo
Espirais que nos jogavam no vazio
Âncora da dor em nossos peitos
Arrancando sal de nosso sangue
Cobrimos Jasão com o dourado velo
Num bote o depositamos
Oramos a sua alma
Ao mar lançamos
O barco em chamas

Canto IV

Chegamos à Córax junto com o sol
Praia deserta ao amanhecer
Orfeu era agora nosso capitão
Tínhamos ânsia da morte
Sabíamos que mais dia menos dia
No Ocidente de nossa vida
A morte viria, nosso norte
Em direção ao Hades
Há muito morrêramos para o mundo
Só queríamos a receita
Do descansar
O pássaro de olhos tristes
Cujas ondas navegamos
Murmurava sonhos na aurora
Não havia destino que nos impelisse novamente
A navegar
Sombras de ancestral memória
Sóis de recantos escondidos
Éramos
Tudo o que padecer pudéramos
Com o Argos ancorado na praia vazia
Orfeu dirigiu cerimônia aos mortos
Olhando-me nos olhos, disse
“Autólico, tu que guardas das palavras o mel
Registra em tua memória
O que padecemos
Quais vias tortuosas seguimos
O que fomos, o que suportamos
Que da Cólquida retornamos ao mar
Ébrios de loucura, sedentos dos nomes
Que na viagem perdíamos
Nem sabíamos mais
Quem éramos, o que fora

A razão da viagem
O mar burlava nossa glória
A terra regurgitava-nos
Na angústia de muitos dias
Céus púrpuros, águas claras
Contrastavam
Com a escuridão do Argos
Seguimos, quando não havia nada
Nenhum sinal nos céus
Divina águia, doce albatroz
Que abrandassem a fadiga
Que sobre nós perdurava
Quando o furor divino tentou
Apagar nossos nomes
Nos proibiu a morte
Seguimos
Ombro a ombro, contracorrente
Contra a ira dos ventos
Seguimos
Leais na glória, leais na dor
Ficamos com Jasão até a morte
Poseidon abranda sua fúria
Morte de Jasão foi nossa senha
Voltemos à terra, nossa casa
Deixemos o Argos à deriva
Abandonando o Argos não há
Capitães nem servos
Sinto que agora a velhice se aproxima
Com asas encanecidas
Nada nos resta, nem lar
Nem a marcha dos filhos e netos
Sairei por estas terras
Buscando dos deuses a resposta
Se é que ainda
Eles nos responderão”

Éramos névoa em nossos olhos cinza
Éramos bruma em nossos corações
Alguns se preparavam para voltar ao Argos
Cortar a âncora, abandoná-lo à mercê das águas
De longe vimos
Os companheiros embarcarem
Soltarem a âncora no mar
Permanecerem
Num Argos agora à deriva
Nós que ficamos
Nada dissemos entre nós
Sabíamos de cor o tamanho da dor
Que se apoderara de nossas almas
Despedimo-nos em silêncio
Segui Orfeu que procurava
Madeira para um cajado
Enquanto andávamos caía
Chuva de brancas flores sobre o mar
E em nossas cabeças